

Prevalência da automedicação em acadêmicos de odontologia e enfermagem em uma instituição pública brasileira

Ayrton Galvão de Araújo Júnior¹  | Vinícius da Silva Caetano¹  | Italo José Zacarias Portela¹ 
Joyce Pinho Bezerra²  | Maria Ângela Arêa Leão Ferraz³  | Carlos Alberto Monteiro Falcão³ 

¹Universidade Federal do Piauí (UFPI), Teresina, Piauí, Brasil

²Faculdade de Ciências Humanas, Exatas e da Saúde do Piauí (FAHESP/IESVAP), Parnaíba, Piauí, Brasil

³Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Parnaíba, Piauí, Brasil

Objetivo: Determinar a prevalência da automedicação em estudantes de Odontologia e Enfermagem da Universidade Estadual do Piauí no município de Parnaíba e avaliar se existe associação dessa tal prática com o nível socioeconômico, o sexo dos acadêmicos, bem como com o nível de conhecimento teórico-prático.

Métodos: Consiste em uma metodologia quantitativa de natureza aplicada e de corte transversal. O levantamento contou com a participação de maiores de 18 anos de idade e fez o uso de um questionário autoaplicável com questões a respeito da automedicação e demais variáveis independentes. Os resultados obtidos foram tabulados e submetidos a testes estatísticos por meio de análise descritiva e bivariada. Foram utilizados os testes de Mann-Whitney, ANOVA Kruskal-Wallis, com o software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 21,0.

Resultados: A amostra contou com a participação de 70 acadêmicos, dos quais 41 (58,6%) são do curso de Odontologia e 29 (41,4%) do curso de Enfermagem, e a automedicação era praticada por 97,1% dos acadêmicos, predominantemente entre aqueles que estavam no início do curso (92,3%) ($p < 0,05$) e eram do sexo feminino (98,1%) ($p < 0,05$), não havendo variação estatisticamente significativa quanto a renda familiar ou curso em que estavam matriculados ($p > 0,05$). Além disso, a principal classe farmacológica utilizada foi a de analgésicos.

Conclusão: A prevalência de automedicação foi alta e frequentemente relatada para o combate da cefaleia, os acadêmicos relataram que conhecimentos e experiências prévias os auxiliaram na escolha dos fármacos autoadministrados, não havendo associação dessa prática de automedicação com o curso e a renda mensal. Além disso, essa prática foi estatisticamente mais prevalente no sexo feminino e dentre aqueles estudantes que estavam no início do curso da graduação.

Descritores: Automedicação. Prevalência. Estudantes de odontologia. Estudantes de enfermagem.

Submetido: 07/06/2020

Aceito: 25/09/2020

INTRODUÇÃO

A automedicação é um problema antigo que ocorre a nível global, atingindo todas as parcelas da população, principalmente países

em desenvolvimento¹. Tal fato se encontra atrelado ao aumento paulatino da expectativa de vida populacional, tendo em vista que, atualmente, observamos certa frequência de doenças crônicas, distúrbios de humor, o

Autor para Correspondência: Ayrton Galvão de Araújo Júnior

Rua Desembargador João Pereira, 4177, Condomínio Jardins do São Cristóvão, Bloco E, Apartamento 104, Santa Isabel, Teresina, Piauí, Brasil CEP.: 64.053.040. Telefone: +55 86 9 9949 4148

E-mail: dr.ayrtonjunior@hotmail.com

aumento da prevalência de inúmeras doenças transmissíveis (clássicas e contemporâneas), além de uma crescente poluição ambiental².

Assim, esse fenômeno pode ser definido como sendo a utilização indiscriminada de qualquer fármaco sem o uso de receita para a aquisição e sem a supervisão de um profissional da saúde devidamente qualificado e habilitado para tal³. Além disso, pode-se incluir na definição da automedicação a prescrição ou orientação verbal de medicamentos por pessoas não habilitadas, como familiares, amigos ou balconistas de farmácias³. Segundo Sarahroodi⁴, esta prática está relacionada com o autodiagnóstico feito pelo paciente.

Fatores econômicos, culturais e políticos vêm contribuindo para a difusão da ingestão medicamentosa, de forma autoadministrada⁵. Concomitantemente, o que vem sendo observado é que o consumo de medicamentos reflete de forma indireta na qualidade dos serviços de saúde local^{5,6}. Além disso, esses fatores se encontram associados àqueles medicamentos facilmente disponíveis associados a uma publicidade que instiga seu consumo, promovendo um aumento nas taxas de automedicação, principalmente em países mais pobres⁶.

O uso inadvertido de medicamentos é potencialmente nocivo à saúde individual e coletiva, uma vez que toda droga causará efeitos no organismo^{3,7}. O hábito pode causar um aumento significativo da resistência de micro-organismos, tornando o fármaco ineficiente^{7,8}. Além disso, a automedicação no combate à sintomatologia dolorosa pode mascarar uma patologia com ação prejudicial, facilitando sua progressão⁹.

Atualmente, o risco de efeitos indesejados provocados pelo uso inadequado de fármacos encontra-se cada vez mais evidente^{10,11}. É observado que uma parcela significativa da população faz o uso de medicamentos sem qualquer conhecimento técnico, inclusive de antibióticos, causando um devastador efeito de resistência bacteriana, além de intoxicação¹⁰⁻¹³. Este efeito tem causado um sério problema de saúde pública e é ocasionado, principalmente, pelo uso sistemático e indiscriminado de antimicrobianos⁸.

Além disso, diversos levantamentos foram realizados e apontaram para o uso inadvertido de antibióticos, principalmente para os casos de otite média, afecções bucais e dores de garganta¹⁴⁻¹⁶. Muitas dessas afecções são de causa viral, não havendo a necessidade de uso de antimicrobianos, mas o uso inadvertido corrobora para a resistência bacteriana^{17,18}.

Dessa forma, o objetivo do presente estudo foi determinar a prevalência da automedicação em estudantes de Odontologia e Enfermagem da Universidade Estadual do Piauí no município de Parnaíba (PI) e avaliar se existe associação dessa prática com o nível socioeconômico, o sexo dos acadêmicos, bem como com o nível de conhecimento teórico-prático. Além disso, seguindo os achados na literatura, nossa hipótese aponta para um elevado índice de automedicação nesta população, por conta dos conhecimentos gerados no decorrer dos cursos de saúde.

MATERIAL E METODOS

ASPECTOS ÉTICOS

Este estudo possui o parecer para Certificado de Apresentação para Apreciação Ética com número de parecer 2.043.525 emitido pelo órgão competente e seguiu, rigorosamente, todos os critérios.

Para os participantes elegíveis para a participação deste estudo foram apresentados os pareceres éticos, tais como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, não sendo necessário a aplicação do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido por conta da faixa etária abordada. Além disso, no momento da abordagem houve a explicação de como ocorreria a pesquisa, salientando que os participantes poderiam abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízos para os mesmos.

DESENHO DO ESTUDO, POPULAÇÃO E AMOSTRA

Este levantamento é uma abordagem quantitativa, de natureza aplicada, descritiva, de corte transversal com um período de coleta de seis meses, correspondendo aos meses de julho a dezembro de 2018, utilizando um questionário autoaplicável relacionado à prática de automedicação dos acadêmicos de Odontologia e Enfermagem da Universidade Estadual do Piauí, na cidade de Parnaíba.

CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Universitários devidamente matriculados nos cursos de Odontologia e Enfermagem da Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Os acadêmicos foram dispostos, quanto

aos períodos cursados, de acordo com a metodologia de seleção da Instituição de Ensino Superior onde o levantamento foi realizado. Como a seleção ocorre uma vez por ano, os períodos abordados no período do levantamento correspondem apenas aos períodos pares, tais como: Quarto, Sexto, Oitavo e Décimo períodos.

CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

A participação de universitários que ainda não haviam cursado a disciplina de farmacologia, que apresentaram matrículas irregulares e, ainda, estudantes que responderam o questionário de maneira insatisfatória, foi vetada por não se enquadrarem nos critérios de inclusão do estudo, ou seja, acadêmicos cursando semestres anteriores ao quarto período foram excluídos.

VARIÁVEIS DO ESTUDO

A variável dependente foi a automedicação. As variáveis independentes foram a motivação a qual os leva a automedicação (família, amigo, balconista da farmácia, prescrições médicas antigas e o conhecimento prévio do estudante), o tipo de medicamento utilizado (analgésico simples, anti-histamínicos, colírios, antibióticos,

antieméticos, antifúngicos, antivirais, antiácido, vitaminas, anti-inflamatórios não esteroides – AINEs, antirreumáticos, corticosteroides) e os motivos associados à automedicação (autodiagnóstico, falta de acesso ou tempo de ir em busca de serviços de saúde, uso prévio de um medicamento, indicação de familiares e amigos ou balconistas de farmácia e conhecimentos próprios). Além disso, também foram avaliadas as características socioeconômicas e demográficas, as quais incluem: sexo (feminino e masculino), classe socioeconômica (definida pela quantidade de salários mínimos mensais), idade (< 18, 1-25, > 25), período e curso (Odontologia e Enfermagem) (Quadro 1).

COLETA DE DADOS

O questionário foi aplicado nas salas de aula da Universidade Estadual do Piauí, o qual foi subdividido em duas partes, sendo a primeira sessão referente a dados sociodemográficos, e a segunda envolvendo questões sobre a prática da automedicação (Quadro 1). Foi permitido que os participantes assinalassem mais de uma assertiva. Foi considerada a classificação farmacológica (anti-inflamatórios não esteroidais - AINEs, antibióticos, analgésicos, dentre outros), a fonte geradora da automedicação e a motivação.

Quadro 1 - Instrumento de coleta de dados

<p>Gênero () Masculino. () Feminino.</p>	<p>Você se automedica? () Sim. () Não.</p> <p>Tem consciência dos efeitos dos fármacos no organismo? () Sim. () Não.</p>
<p>Idade (anos) () <18. () 18-25. () >25.</p>	<p>Caso de resposta positiva, com que frequência? () Frequentemente. () Raramente. () Eventualmente. () Faço o uso para evitar a sintomatologia. () Nunca me automediquei.</p>
<p>Renda mensal familiar: () 1-3 salários mínimos. () 4-6 salários mínimos. () Mais de 6 salários mínimos. () Não tenho conhecimento.</p>	<p>O que leva você a praticar automedicação? () Uso prévio do medicamento. () Indicação do balconista da farmácia. () Indicação de familiares e amigos. () Falta de tempo para ir ao médico. () Meus próprios conhecimentos me ajudaram na escolha do medicamento. () Autodiagnóstico.</p>

<p>Qual o principal motivo para você se automedicar?</p> <p>() Dor de cabeça. () Cólicas estomacais. () Dor nas costas. () Alergias. () Dores musculares. () Febre. () Inflamações. () Infecções. () Cólicas menstruais. () Dor de garganta. () Gripe ou resfriado. () Dores nas articulações. () Dores estomacais.</p>	<p>Qual período você está cursando? () 4°. () 6°. () 8°. () 10°.</p>
<p>Qual medicamento você costuma ingerir por conta própria?</p> <p>() Analgésico simples. () Colírios. () Antibiótico. () Antieméticos. () Anti-histamínico. () Anti-reumáticos. () Vitaminas. () Antivirais. () Corticosteroides. () Antifúngicos. () Anti-ácidos ou protetores de estômago. () Anti-inflamatórios não esteroidais.</p>	<p>Curso: () Odontologia. () Enfermagem.</p>

ANÁLISE DE DADOS

As variáveis numéricas produzidas pela população foram revisadas, organizadas, tabuladas e analisados pelo software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 21. As análises descritivas, frequências e porcentagens foram realizadas calculando médias e proporções para dados discretos, respectivamente, com o intuito de caracterizar a amostra e representar em gráficos e tabelas os resultados quanto à prevalência da automedicação pelos universitários da cidade de Parnaíba-PI.

Além disso, realizaram-se testes Mann-Whitney (gênero e curso), ANOVA Kruskal-Wallis (período em que está matriculado e renda), a fim de identificar a influência das variáveis sociodemográficas. O Limite para diferenças estatisticamente significativas foi $p < 0,05$.

RESULTADOS

Contou-se com a participação de 70 dos 167 acadêmicos de Odontologia e Enfermagem da cidade de Parnaíba-PI, sendo 53 do sexo feminino (75,6%). Destes, 41 (58,6%) são do curso de Odontologia e 29 (41,4%) do curso

de Enfermagem, com predominância de acadêmicos do quarto semestre (38,6%). Além disso, quanto a renda mensal, a maior fatia da amostra relatou receber uma renda de até três salários mínimos (52,8%), além de 3% que não souberam responder (Tabela 1).

Ressalta-se que quanto a temática investigada, pode-se identificar que a grande maioria, representada por 98,6% afirmaram ser consciente sobre os efeitos do medicamento que consome e também de sua indicação, além disso, a prevalência de automedicação referida pelos pesquisados foi de 97,1%.

No que se refere a prevalência de automedicação nas análises bivariadas, observou-se que os universitários do sexo feminino se automedicaram de maneira mais acentuada (98,1%), e que os de períodos iniciais usam de maneira mais frequente esse mecanismo para o combate a sintomatologias dolorosas (92,3%), ambos apresentando valor de $p < 0,05$, denotando variação estatisticamente significativa. Outro ponto observado é que não houve variação estatisticamente significativa quando foram comparados os cursos em que estão matriculados (Odontologia e Enfermagem) e a renda mensal familiar ($p > 0,05$) (Tabela 1).

Tabela 1 - Associação entre a prática de automedicação e as características acadêmicas e sociodemográficas da amostra

Características sociodemográficas		Faz automedicação		Não faz automedicação		Não respondeu*		Total		Valor p	
		n	%	n	%	n	%	n	%		
Sexo	Masculino	16	94,1	1	5,9	0	0	17	24,4	p < 0,05†	
	Feminino	51	98,1	1	1,9	1	1,9	53	75,6		
Curso	Odontologia	39	95,1	2	4,9	0	0	41	58,6	p > 0,05†	
	Enfermagem	29	100	0	0,0	0	0	29	41,4		
Período Matriculado	4°	Uso eventual	17	63,0	1	3,7	0	0	27	38,6	p < 0,05‡
		Frequente	9	33,3							
	6°	Uso eventual	6	50,1	1	8,3	1	8,3	12	17,1	
		Frequente	4	33,3							
	8°	Uso eventual	20	76,9	0	0,0	0	0,0	26	37,1	
		Frequente	6	23,1							
	10°	Uso eventual	4	80,0	1	20,0	0	0,0	5	7,2	
		Frequente	0	0,0							
Renda Mensal	Até 03 salários mínimos	36	97,1	1	2,9	0	0,0	37	52,8	p > 0,05‡	
	Entre 04 e 06 salários mínimos	22	92,0	1	4,0	0	0,0	23	32,9		
	Mais de 06 salários mínimos	8	100	0	0,0	0	0,0	8	11,4		
	Não soube responder	-	-	-	-	-	-	2	2,9		
TOTAL								70	100,0		

*Acadêmico não respondeu ao questionamento

†Teste Mann-Whitney

‡Teste ANOVA Kruskal-Wallis

Com relação aos tipos de fármacos mais frequentemente utilizados na prática de automedicação, foi constatado que o grupo dos

analgésicos foi o mais utilizado, além disso, se observou que o fármaco menos utilizado foi do grupo dos corticoides (Gráfico 1).

Gráfico 1: Fármacos utilizados pelos acadêmicos durante a prática de automedicação.

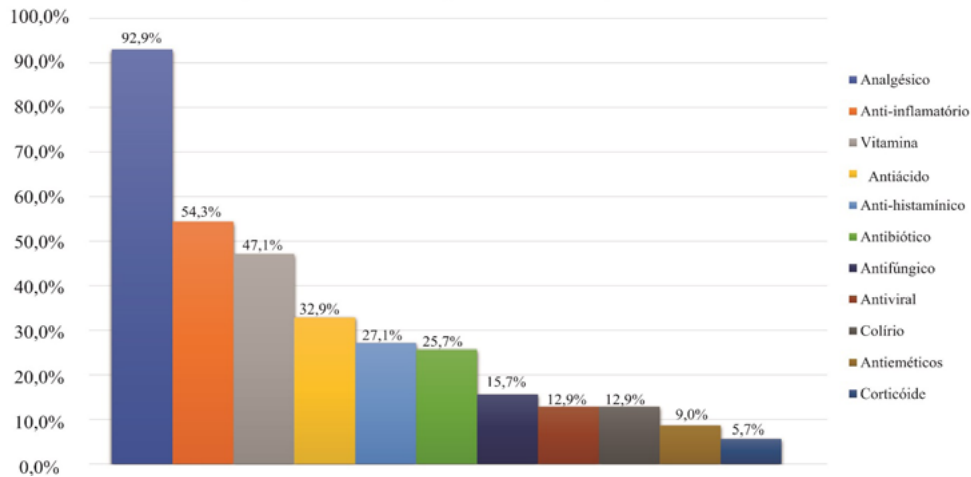
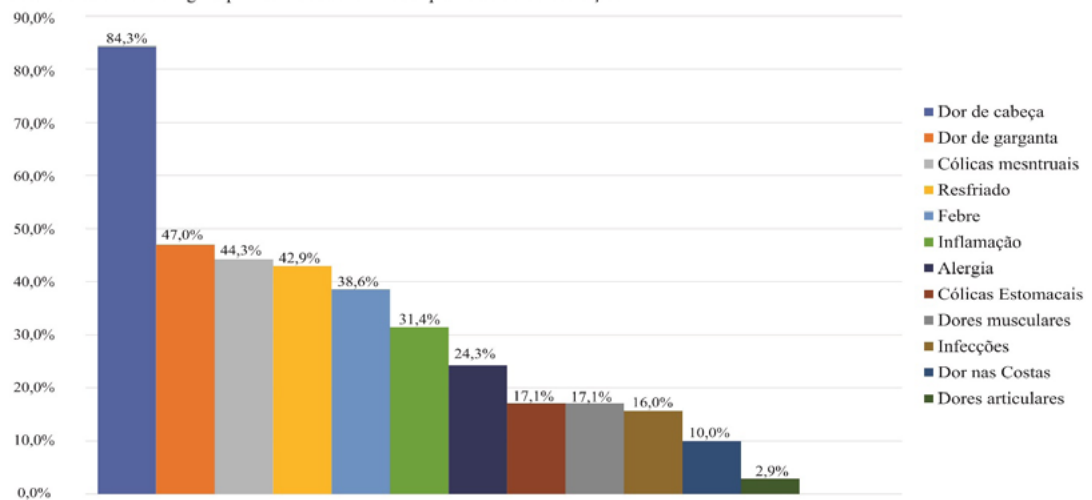


Gráfico 2: Sintomatologias que levam os acadêmicos a prática da automedicação.

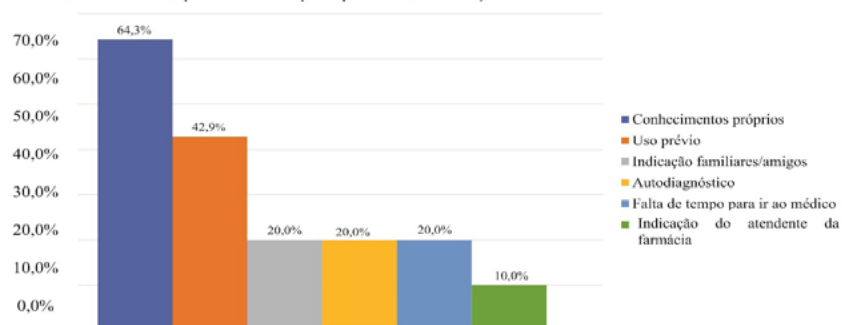


A principal sintomatologia assinalada pela população da amostra foi a cefaleia (84,3%) (Gráfico 2).

No que se refere a justificativa relatada pelos acadêmicos para adotar a

automedicação, o motivo mais frequentemente relatado foi terem conhecimento prévio sobre a indicação (64,3%) e a indicação por atendentes de farmácia foi o menos relatado (10,0%) (Gráfico 3).

Gráfico 3: Justificativa dada pelos acadêmicos para a prática de automedicação.



DISCUSSÃO

Os achados deste estudo mostraram que a prevalência de automedicação foi de 97,1% entre os estudantes de graduação dos cursos de Odontologia e Enfermagem, corroborando com a hipótese levantada. Tal dado pode ser entendido como uma problemática para a saúde pública, podendo ser justificado pela grande divulgação dos medicamentos pela mídia¹⁹, além de ser considerado alto, muito embora seja semelhante aos encontrados em estudos similares, tais como: 87,0% e 88,2% entre os estudantes do norte da Índia^{20,21} e 92,0% entre os estudantes do sul da Índia²²; 91,4% na Nigéria²³; 86,4%²⁴, 98,3%¹² e 99,5%²⁵ entre os estudantes no Brasil.

A automedicação foi mais prevalente no sexo feminino $n = 51$ (98,1%) em comparação ao masculino $n = 16$ (94,1%). Este resultado foi estatisticamente significativo ($p < 0,05$), contrapondo aos achados obtidos no estado de São Paulo em 2012¹² e foi semelhante a alguns outros levantamentos, os quais observaram que universitárias do sexo feminino apresentam maior prevalência de utilização de medicamentos sem receita médica^{23,26,27}. Tal fato pode ser justificado pela maior preocupação com os cuidados de saúde das mulheres, o que as fazem armazenar em maior grau medicamentos para automedicação²⁸.

Além disso, este estudo mostrou haver associação com o período cursado, os universitários dos semestres iniciais se automedicam com maior frequência, uma vez que à medida que o universitário adquire conhecimento ele passa a ser mais consciente e evita a automedicação, corroborando com os achados na literatura^{12,29}.

Com o levantamento do presente estudo foi observado que 98,6% sabiam dos riscos da automedicação e, embora seja um dado bem substancial, 92,8% afirmaram fazer o uso de analgésicos simples sem a prescrição de um médico ou cirurgião-dentista. Resultados semelhante foram relatados em outros levantamentos^{4,30-32}. Tal fato pode ser justificado pelo fato de a Organização Mundial de Saúde (OMS) apresentar tal prática como sendo “automedicação responsável”, tendo em vista que os fármacos utilizados sem prescrição para sintomatologias, tais como cefaleia, são seguros e efetivos quando seguidas as instruções de uso³³. Além disso, no Brasil, a aquisição de determinados medicamentos sem prescrição

médica é regulamentada pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)³⁴.

Em relação à regulamentação da ANVISA, a qual proíbe a venda de antibióticos sem receita médica³⁵, a autoadministração de antibióticos foi apontada por 15,7% da população estudada, fato que corrobora com os achados de estudos com universitários em outros continentes^{21,36,37}. É possível que farmácias da cidade de Parnaíba-PI tenham dispensado este medicamento sem a apresentação e retenção de receita. Tal apontamento se deve ao percentual que, embora pequeno, mostre que existe o uso inadvertido de antibióticos.

A principal afecção que levou os acadêmicos deste estudo a se automedicarem foi a cefaleia, assim como em relatos na literatura^{32,38,39}. Além disso, embora quase que a totalidade da amostra tenha consciência quanto aos efeitos nocivos do uso indevido dos fármacos, tal fato não se mostrou suficiente para inibir a prática da automedicação. Esperava-se que os conhecimentos a respeito da ação dos medicamentos pudessem causar uma queda no percentual dos estudantes que usam drogas sem prescrição. No entanto, foi observado que os conhecimentos próprios associados ao uso prévio das medicações têm sido os principais fatores que levaram a amostra a se automedicar, sendo essas justificativas corroboradas por demais autores¹².

É importante ressaltar que, embora tenha atingido o objetivo proposto, este levantamento teve algumas limitações, o estudo contou com uma amostra de conveniência. Dessa forma, seria interessante que levantamentos futuros utilizassem amostras representativas e métodos mais robustos que permitissem análise de causalidade fossem utilizados, por meio do acompanhamento da população estudada ao longo do curso com o intuito de avaliar o comportamento desses acadêmicos em relação a automedicação.

Este trabalho abordou uma problemática importante no que se refere à saúde pública e os achados revelam que os acadêmicos que participaram do estudo apresentam uma alta prevalência de automedicação, mesmo sabendo dos riscos e consequências.

CONCLUSÃO

A prevalência de automedicação se mostrou alta na população de estudo. Além disso, tal prática foi usada, principalmente para o

combate da cefaleia. O relato de conhecimentos e experiências prévias foram os mais frequentes para justificar a autoadministração de drogas. No que se refere às características sociodemográficas, não houve associação da automedicação com o curso e a renda mensal, mas houve maior prevalência dessa prática no sexo feminino e entre aqueles acadêmicos que estão no início do curso.


CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram ausência de conflito de interesse.

AGRADECIMENTOS

À Liga Acadêmica de Farmacologia e Terapêutica do Piauí (LAFPI-UESPI) que nos despertou interesse pela área abordada.

ORCID


Ayrton Galvão de Araújo Júnior  <https://orcid.org/0000-0003-0550-5019>

Vinícius da Silva Caetano  <https://orcid.org/0000-0002-6310-8495>

Ítalo José Zacarias Portela  <https://orcid.org/0000-0003-0932-5154>

Joyce Pinho Bezerra  <https://orcid.org/0000-0001-8300-8064>

Maria Ângela Arêa Leão Ferraz  <https://orcid.org/0000-0001-5660-0222>

Carlos Alberto Monteiro Falcão  <https://orcid.org/0000-0001-7787-0280>

REFERÊNCIAS

1. Shah H, Patel R, Nayak S, Patel HR, Sharma D. A questionnaire-based cross-sectional study on self-medication practices among undergraduate medical students of GMERS Medical College, Valsad, Gujarat. *Int J Med Sci Public Health*. 2018;7(4):249-55.
2. Barros ARR, Griep RH, Rotenberg L. Self-medication among nursing workers from public hospitals. *Rev Lat Am Enfermagem*. 2009;17(6):1015-22.
3. World Health Organization. The role of the pharmacist in self-care and self-medication. *World Health Organ*. 1998.
4. Sarahroodi S, Maleki-Jamshid A, Sawalha AF, Mikali P, Safaeian L. Pattern of self-medication with analgesics among Iranian University students in central Iran. *J Family Community Med*. 2012;19(2):125.
5. Arrais PSD, Fernandes MEP, Pizzol TSD, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, et al. Prevalence of self-medication in Brazil and associated factors. *Rev Saude Publica*. 2016;50(suppl 2):13s.
6. Carvalho MF, Pascom ARP, Souza-Júnior PRB, Damacena GN, Szwarcwald CL. Utilization of medicines by the Brazilian population, 2003. *Cad Saude Publica*. 2005;21(suppl.1):S100-8.
7. Bagewadi GH, Deodurg PM, Patil BV, Zahid SH. Perceptions and practices of self-medication among undergraduate medical students at Gulbarga Institute of Medical Sciences, Kalaburagi, India. 2018;8(3):388-93.
8. Moraes AL, Araújo NGP, Braga TDL. Automedicação: revisando a literatura sobre a resistência bacteriana aos antibióticos. *Rev Eletr Estacio Saude*. 2016;5(1):869-77.
9. Vilarino JF, Soares IC, Silveira CM, Rödel APP, Bortoli R, et al. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. *Rev Saude Publica*. 1998;32(1):43-9.
10. Schuelter-Trevisol F, Trevisol DJ, Jung GS, Jacobowski B. Automedicação em universitários. *Rev Bras Clin Med Sao Paulo*. 2011;9(6):414-7.
11. Markotic F, Puljak L. Risks associated with borrowing and sharing of prescription analgesics among patients observed by pain management physicians in Croatia: a qualitative study. *J Pain Res*. 2016;9:1143-51.
12. Masson W, Furtado PL, Lazarini CA, Conterno LO. Automedicação entre acadêmicos do curso de medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo. *Rev Bras Pesq Saude*. 2012;14(4):82-9.
13. Gogazeh E. Dispensing errors and self-medication practice observed by community pharmacists in Jordan. *Saudi Pharm J*. 2020;28(3):233-7.
14. Holstiege J, Schink T, Molokhia M, Mazzaglia G, Innocenti F, Oteri A, et al. Systemic antibiotic prescribing to paediatric outpatients in 5 European countries: a population-based cohort study. *BMC Pediatr*. 2014;14(1):1-10.
15. Clavenna A, Bonati M. Differences in antibiotic prescribing in paediatric outpatients. *Arch Dis Child*. 2011;96(6):590-5.
16. Sharland M. The use of antibacterials in children: a report of the Specialist Advisory

- Committee on Antimicrobial Resistance (SACAR) Paediatric Subgroup. *J Antimicrob Chemother.* 2007;60(suppl. 1):15–26.
17. Keith T, Saxena S, Murray J, Sharland M. Risk-benefit analysis of restricting antimicrobial prescribing in children: what do we really know? *Curr Opin Infect Dis.* 2010;23(3):242–8.
 18. Saxena S, Ismael Z, Murray ML, Barker C, Wong ICK, Sharland M, et al. Oral penicillin prescribing for children in the UK: a comparison with BNF for children age-band recommendations. *Br J Gen Pract.* 2014;64(621):217–22.
 19. Kanwal ZG, Fatima N, Azhar S, Chohan O, Jabeen M, Yameen MA. Implications of self-medication among medical students-A dilemma. *J Pak Med Assoc.* 2018;68(9):1363–7.
 20. Verma RK, Mohan L, Pandey M. Evaluation of self medication among professional students in North India: proper statutory drug control must be implemented. *Asian J Pharm Clin Res.* 2010;3(1):60–4.
 21. Goel D, Gupta S. Self-medication patterns among nursing students in North India. *IOSR J Dent Med Sci.* 2013;11(4):14–7.
 22. Badiger S, Kundapur R, Jain A, Kumar A, Pattanshetty S, Thakolkaran N, et al. Self-medication patterns among medical students in South India. *Australas Med J.* 2012;5(4):217–20.
 23. Osemene KP, Lamikanra A. A study of the prevalence of self-medication practice among university students in southwestern Nigeria. *Trop J Pharm Res.* 2012;11(4):683–9.
 24. Silva MGC, Soares MCF, Muccillo-Baisch AL. Self-medication in university students from the city of Rio Grande, Brazil. *BMC Public Health.* 2012;12(1):339.
 25. Lima DM, Silva JS, Vasconcelos LF, Cavalcante MG, Carvalho AMR. Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza-CE. *Rev Expressao Catolica Saude.* 2018;2(1):17-22.
 26. Patel MM, Singh U, Sapre C, Salvi K, Shah A, Vasoya B. Self-medication practices among college students: a cross sectional study in Gujarat. *Natl J Med Res.* 2013;3(3):257–60.
 27. Gutema GB, Gadisa DA, Kidanemariam ZA, Berhe DF, Berhe AH, Hadera MG, et al. Self-medication practices among health sciences students: the case of mekelle university. *J Appl Pharm Sci.* 2011;1(10):183–9.
 28. Ali SE, Ibrahim MI, Palaian S. Medication storage and self-medication behaviour amongst female students in Malaysia. *Pharm Pract.* 2010;8(4):226–32.
 29. Silva FM, Goulart FC, Lazarini CA. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de enfermagem. *Rev Eletronica Enferm.* 2014;16(3):644–51.
 30. Banerjee I, Sathian B, Gupta RK, Amarendra A, Roy B, Bakthavatchalam P, et al. Self-medication practice among preclinical university students in a medical school from the city of Pokhara, Nepal. *Nepal J Epidemiol.* 2016;6(2):574–81.
 31. Rodrigues, et al. Ciência Acadêmicos da Universidade Estadual De Goiás – Campus Ceres. Prevalence of Self Medication Among Students of State University of Goias - Campus Ceres. 2016;5:36–52.
 32. Esan DT, Fasoro AA, Odesanya OE, Esan TO, Ojo EF, Faeji CO. Assessment of self-medication practices and its associated factors among undergraduates of a private University in Nigeria. *J Environ Public Health.* 2018;2018.
 33. Chehuen Neto JA, Sirimarc MT, Choi CMK, Barreto AU, Souza JB. Automedicação entre estudantes da faculdade de medicina da universidade federal de Juiz de Fora. *HU Rev.* 2006;32(3):59–64.
 34. Automedicação. *Rev Assoc Med Bras.* 2001;47(4):269–70.
 35. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução da Diretoria Colegiada nº 20, de 5 de maio de 2011.
 36. Tuyishimire J, Okoya F, Adebayo AY, Humura F, Lucero-Prisno DE. Assessment of self-medication practices with antibiotics among undergraduate university students in Rwanda. *Pan Afr Med J.* 2019;33:1–7.
 37. Kumar N, Kanchan T, Unnikrishnan B, Rekha T, Mithra P, Kulkarni V, et al. Perceptions and practices of self-medication among medical students in coastal South India. *PLoS One.* 2013;8(8):2–6.
 38. López-Cabra CA, Gálvez-Bermúdez JM, Domínguez- Domínguez C, del Pilar Urbina-Bonilla A, Calderón-Ospina CA, Vallejos-Narváez A. Automedicación en estudiantes de medicina de la Universidad del Rosario en Bogotá DC, Colombia. *Rev Colomb Cienc Quim. Farm.* 2016;45(3):374–84.
 39. Alshogran OY, Alzoubi KH, Khabour OF, Farah S. Patterns of self-medication among medical and nonmedical university students in Jordan. *Risk Manag Healthc Policy.* 2018;11:169–76.

Prevalence of self-medication in dentistry and nursing academics in a Brazilian public institution

Aim: To determine the prevalence of self-medication in Dentistry and Nursing students at the State University of Piauí in the city of Parnaíba and to evaluate whether there is an association between this practice and the socioeconomic level and the sex of the students, as well as the level of theoretical and practical knowledge.

Methods: This study consists of a quantitative methodology of an applied and cross-sectional nature. The survey counted on the participation of individuals over 18 years of age and used a self-administered questionnaire with questions regarding self-medication and other independent variables. The obtained results were tabulated and subjected to statistical tests through descriptive and bivariate analysis. Mann-Whitney and ANOVA Kruskal-Wallis tests were used, together with the Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), version 21.0.

Results: This study's sample counted on the participation of 70 students, 41 (58.6%) were from the Dental School and 29 (41.4%) of the Nursing Course, and self-medication was practiced by 97.1% of the students, predominantly among those who were at the beginning of the course (92.3%) ($p < 0.05$) and were female (98.1%) ($p < 0.05$), with no statistically significant variation as to family income or course in which the students are engaged ($p > 0.05$). In addition, the main pharmacological class used was analgesics.

Conclusion: The prevalence of self-medication was high and frequently reported to combat headaches. Academics reported that previous knowledge and experience helped them to choose self-administered drugs, with no association between this self-medication practice and the course of study and monthly income. In addition, this practice was statistically more prevalent in females among those students who were in the beginning of the undergraduate course.

Uniterms: Self medication. Prevalence. Students, dental. Students, nursing.